

# A FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORES: *entre a existência ideal e o real*

*Maria de Fátima Mota Urpia<sup>1</sup>*

*Maria José de Faria Lins<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo trata da formação de alfabetizadores. Objetiva a reflexão sobre a prática idealizada e aquela que se efetiva. Do ponto de vista teórico metodológico encontra acolhida em Saviani (1991), Duarte (2007), Vázquez, (2007) Kosik (1976), Konder (1992), Thompson (2002), Rummert (2007), Tonet (2005). Conclui-se que a prática concebida idealmente vai se modificando à medida que a realidade se impõe.

**Palavras-chave:** Formação Inicial; Alfabetização de Jovens e Adultos; Programas.

## INTRODUÇÃO

Somos conscientes dos nossos males, mas nos  
desgastamos lutando contra os sintomas,  
enquanto as causas se eternizam.  
(GARCÍA MÁRQUEZ, 1994).

A educação é uma construção social que envolve a disputa por projetos de sociedade e, desse modo, a reflexão sobre práticas pedagógicas, no âmbito da formação de alfabetizadores, requer considerar a conjuntura socioeconômica e político-cultural do Brasil, no contexto atual.

Discutir a formação de alfabetizadores que atuam em Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos tem colocado a todos nós, formadores de professores, diante de dois caminhos de direções diferentes, mas complementares: a do alfabetizador como aluno e do alfabetizador como docente.

---

<sup>1</sup>Pedagoga, Professora do Departamento de Educação (DEDC), Campus I da UNEB e Mestra em Políticas Sociais e Cidadania, pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). E-mail: fatimaurpia@hotmail.com.

<sup>2</sup>Pedagoga, Professora do Departamento de Educação (DEDC), Campus I da UNEB e Mestra em Políticas Sociais e Cidadania, pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). E-mail: lins\_lins2000@yahoo.com.br.

Nesses caminhos, muitas são as questões que se apresentam, dentre elas: qual a especificidade do trabalho do alfabetizador? Quem é o educando? Qual é o objeto de seu trabalho? Quais são as suas necessidades de aprendizagem? Essas questões nos põem frente à especificidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em especial, do processo de alfabetização de jovens e adultos, aos fins da educação – se emancipação política ou emancipação humana<sup>3</sup> – bem como, ao conhecimento da realidade histórico-social.

O despreparo pedagógico do alfabetizador tem sido apontado por pesquisadores (KLEIMAN; SGNORINI, 2001; ALBUQUERQUE; LEAL, 2004) como impedimento importante ao alcance do objetivo de Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos, o que pode ser verificado no âmbito do Programa Todos pela Alfabetização/Brasil Alfabetizado. O Programa Brasil Alfabetizado (PBA), instituído em 2003, com a perspectiva de inclusão social / enfrentamento das desigualdades sociais é o segundo maior Programa Social do País,

[...] é parte integrante da política de Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo considerado a porta de entrada para o ensino fundamental de jovens, adultos e idosos. É desenvolvido em todo o território nacional, por meio da transferência de recursos financeiros, em caráter suplementar, aos entes federados que aderem ao Programa e por meio do pagamento de bolsas-benefício a voluntários que atuam como professores de alfabetização, coordenadores de turmas e tradutores-intérpretes de libras (língua brasileira de sinais). (BRASIL, 2012, s/p).

O Programa Todos pela Alfabetização (TOPA), configuração do PBA, sob a responsabilidade da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, objetiva:

[...] promover uma educação de qualidade para a população de jovens, adultos e idosos, assegurando seu ingresso e permanência na escola, garantindo-lhes as oportunidades necessárias à apropriação da leitura e da escrita e criando as condições objetivas para a inclusão social, política, econômica e cultural desses sujeitos. (BAHIA, 2011, s.p.).

Para a maioria dos alfabetizadores, a primeira aproximação com a questão da alfabetização e da EJA ocorre no momento da Formação Inicial realizada no

---

<sup>3</sup> A emancipação humana consiste na superação da exploração do homem pelo homem. A emancipação política é aquela relativa aos direitos e deveres decorrentes da cidadania. Ver os estudos de Ivo Tonet (2005).

Programa. Nesse sentido, ainda que haja a diretriz<sup>4</sup> de que os alfabetizadores tenham a escolaridade mínima de Ensino Médio, de preferência o Curso Normal Médio, essa recomendação não é considerada por todos os municípios e, desse modo, há aqueles que têm escolaridade de nível superior, bem como os que têm o Ensino Médio completo e ou incompleto, o Normal Médio ou cursos Técnicos em Contabilidade, Administração e Informática, dentre outros. Grande parte dos alfabetizadores não alcança o nível pleno de alfabetismo em relação à Língua Portuguesa, posição em que:

[...] estão às pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: lêem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. (INAF, 2009, p. 1).

A compreensão da relação teoria / prática no processo de formação de professores, no caso específico de alfabetizadores de jovens e adultos, em um Programa de Alfabetização, requer compreender quais concepções de formação vêm sendo adotadas. “Na práxis, o sujeito age conforme pensa, a prática ‘pede’ teoria, as decisões precisam algum fundamento consciente, as escolhas devem poder ser justificadas. Na práxis, o sujeito projeta seus objetivos, assume seus riscos, carece de conhecimentos.” (KONDER, 2003, p. 03). A práxis, afirma o autor,

[...] é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais conseqüente, precisa de reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete a ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática. [...] a práxis é a atividade que para se tornar mais humana, precisa ser realizada por um sujeito mais livre e mais consciente. Quer dizer: é a atividade que precisa de teoria. (KONDER, 1992, p. 115-116).

A reflexão sobre a Formação Inicial de alfabetizadores que atuam no Programa Todos pela Alfabetização/Brasil Alfabetizado exige enxergar essa realidade como um todo estruturado, o que não significa compreender todos os fatos,

---

<sup>4</sup> Os alfabetizadores devem atender ao seguinte perfil: ter, no mínimo, concluído Curso Normal Médio quando se tratar de alfabetizador de Salvador; ter, no mínimo, concluído ou estar cursando o ensino médio, de preferência o curso Normal Médio - quando se tratar de Alfabetizador do Interior; competência para atuar em uma classe de Alfabetização de Jovens e Adultos, durante as 320 horas/aula do Programa. Quando não for possível atender a esse perfil, alternativas serão consideradas, sempre objetivando atender à necessidade de alfabetizar os jovens e adultos matriculados no Programa.

posto ser essa uma tarefa impossível. “Na realidade, totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classe de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido.” (KOSIK, 1976, p.35).

Destarte, considerando a natureza deste texto, bem como os nossos próprios limites frente à compreensão dessa realidade – dos nexos entre os diferentes aspectos e das particularidades que lhe são essenciais – é que nos propomos refletir sobre a existência idealizada para a Formação Inicial de Alfabetizadores que atuam no Programa Todos pela Alfabetização/Brasil Alfabetizado, isto é, aonde se quer chegar e sobre seu o resultado efetivo.

### **A FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORES: ENTRE A EXISTÊNCIA IDEAL E O REAL.**

O presente é contraditório, está sempre sobrecarregado do passado, mas ao mesmo tempo está grávido de possibilidades concretas de futuro. Uma postura que se limita a interpretar passivamente, o que está presente diante de nós, de maneira imediata, não capacita o sujeito para distinguir de modo conseqüente os elementos que “amarram” as coisas (e se opõem tendencialmente, às mudanças mais ousadas) e os elementos que empurram as coisas para frente, pressionando-as no sentido de engendram o **novο** [grifos do autor]. O sujeito só pode se libertar das armadilhas de uma continuidade hipostasiada, se assumir uma postura crítico - prática que lhe permita identificar as rupturas necessárias e ajudá-las a se concretizar. Na medida em que o sujeito assume a postura crítico - prática, compromete-se com o que está por nascer, engaja-se na luta pela concretização do por-vir e é naturalmente levado a tentar adotar algo do ponto de vista correspondente à realidade que está contribuindo para criar. (KONDER, 1992, p.123).

A escolha das epígrafes tem a intenção de antecipar nossa posição, não apenas neste estudo, mas em nossa trajetória como professoras envolvidas com a EJA – o engendramento do novo a partir da experiência vivida. A reflexão de García Márquez, importante escritor de nosso tempo, chega a soar como uma repreensão, quando nos fala do como nos ocupamos de sintomas de nossos males quando sabemos de suas causas. Leandro Konder nos fala de um presente carregado de um passado e da possibilidade de tornar-se algo novo, diferente do que é. Ambos nos trazem contribuições para perguntas e respostas que nos fazemos, cotidianamente, quando tratamos da Formação Inicial de Alfabetizadores que atuam no Programa Brasil Alfabetizado.

A reflexão que estamos realizando se situa no espaço da antecipação de um ideal da prática de Formação Inicial de alfabetizadores que queremos que exista. García Márquez nos remete ao que sabemos sobre a EJA, sobre os Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos, sobre a ciência de que uma das causas da não efetividade desses Programas é o despreparo dos alfabetizadores. Todavia, na procura da causa primeira dessa problemática, nos deparamos com uma realidade na qual os jovens e adultos que não sabem ler e escrever a palavra são trabalhadores que não têm acesso ao patrimônio cultural construído pela humanidade – conhecimentos científicos, artísticos, ético-filosóficos e políticos.

Os alfabetizados são homens e mulheres, vivenciando os tempos da juventude, da adultez e da velhice, diferentes em relação ao gênero e à etnia, dentre outras dimensões. São portadores dos direitos decorrentes da cidadania, mas que vivenciam a desigualdade social e a pobreza.

Os alfabetizadores têm se diferenciado dos jovens e adultos não alfabetizados por terem tido acesso a oportunidades que lhes permitiram ocupar o lugar de alfabetizados, ainda que muitos estejam em níveis de alfabetismo próximos aos daqueles que estão em processo de alfabetização. Todos – alfabetizadores e alfabetizados – são trabalhadores submetidos ao desemprego estrutural e à precarização das relações de trabalho.

A efetivação do direito à educação para jovens e adultos se constitui em um desafio para todos nós, à medida que, no mundo, ainda existem mais de 774 milhões de pessoas de 15 anos ou mais consideradas analfabetas – indivíduos que não dispõem das competências para ler, escrever e contar (UNESCO, 2008). No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), a taxa de analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais caiu de 9,7% em 2009 para 8,6% em 2011, totalizando ainda 12,9 milhões de brasileiros.

Objetivando solucionar essa problemática, Governos realizaram, ao longo do tempo, os Programas de Alfabetização de Adultos. No Brasil, em 2003, conforme já o dissemos, o Ministério da Educação instituiu o Programa Brasil Alfabetizado com o objetivo de erradicar o analfabetismo entre os jovens e os adultos. A Bahia, em 2007, se junta ao Governo Federal e, em parceria com os municípios e instituições sociais,

realiza o Programa Todos pela Alfabetização / Brasil Alfabetizado, ao qual já nos referimos antes.

Permanecemos na luta contra os sintomas. Mas, nesse presente cheio de contradições, lutamos pela concretização de um futuro em que todos os jovens e adultos tenham a possibilidade de ocupar a posição de alfabetizados, se assim o desejarem, à medida que todos têm o direito ao saber produzido pela humanidade. Esse processo exige que se possa

[...] propiciar ao indivíduo a apropriação de conhecimentos, habilidades, valores, comportamentos, etc., que se constituem em patrimônio acumulado e decantado ao longo da História da humanidade. Nesse sentido, contribui para que o indivíduo se construa como membro do gênero humano e se torne apto a reagir diante do novo de um modo que seja favorável à reprodução do ser social na forma em que ele se apresenta num determinado momento histórico. (TONET, 2005, p. 222).

O acesso a esse patrimônio cultural ocorre pela educação que, na condição de mediação entre os próprios homens, “cumpre a função de permitir aos indivíduos a apropriação de conhecimentos, habilidades e valores que lhes permitam inserir-se no meio social” (TONET, 2009, p. 10) e, desse modo, tem papel fundamental na reprodução do ser social. Contudo, não cabe à educação ou às políticas públicas a efetivação do direito à educação para os jovens e adultos trabalhadores, mas a forma como os homens produzem a sua existência, isto é, ao trabalho. O trabalho decide a forma de sociabilidade em qualquer tempo e espaço de vivência humana, pois é

[...] o fundamento do ser social porque transforma a natureza na base material indispensável ao mundo dos homens. Ele possibilita que, ao transformarem a natureza, os homens também se transformem. E essa articulada transformação da natureza e dos indivíduos permite a constante construção de novas situações históricas, de novas relações sociais, de novos conhecimentos e habilidades, num processo de acumulação constante [...]. É esse processo de acumulação de novas situações e de novos conhecimentos – o que significa novas possibilidades de evolução – que faz com que o desenvolvimento do ser social seja ontologicamente (isto é, no plano do ser) distinto da natureza. (TONET, 2005, p. 26).

É desse lugar que retomamos Konder (1992, p.123), na segunda epígrafe, questionando sobre “os elementos que ‘amarram’ as coisas (e se opõem tendencialmente, às mudanças mais ousadas) e os elementos que empurram as coisas para frente, pressionando-as no sentido de engendrarem o **novo**.” O que tem sido a Formação Inicial de Alfabetizadores do Programa Todos pela Alfabetização / Brasil

Alfabetizado? Em que medida tem avançado no engendramento de uma antecipação ideal da prática que queremos que exista?

As respostas a essas questões nos põem a procura de nexos e de especificidades que, como afirmamos antes, compõem a realidade investigada, o que é essencial para uma maior aproximação a ela. Para dizer da função de um fenômeno em um determinado momento do processo social, se faz necessário ir à procura de duas dimensões: a história — onde, como, quando e o porquê de sua existência — e de sua função social. A maioria dos alfabetizandos não sabe como alfabetizar jovens e adultos. A mediação realizada na Formação possibilita avanços importantes a todos, todavia, eles não alcançam um patamar de compreensão da realidade que lhes permita desenvolver uma prática pedagógica que atenda as necessidades de aprendizagem de jovens e adultos trabalhadores.

Mesmo para aqueles com conhecimentos pedagógicos suficientes ao processo de atuar como alfabetizador, o alcance do objetivo do Programa — alfabetizar jovens e adultos — não se concretiza dentro do esperado. Há impedimentos que decorrem da falta de condições estruturais para a realização do processo de alfabetização, mas não é tudo. Durante o processo de alfabetização, que, no Programa, deve corresponder a oito meses e 320 (trezentos e vinte) horas de aula, a “evasão” e a frequência descontínua dos alfabetizandos se constituem desafios não resolvidos. Suas trajetórias de vida não podem ser conciliadas com a do Programa, ainda que sua estrutura e funcionamento se aproximem mais das necessidades deles do que aquela da EJA, ofertada nas Unidades Escolares.

A Formação Inicial para os alfabetizadores, ainda que resulte em avanços importantes no que se refere às suas necessidades de aprendizagem — em suas dimensões de aluno e de docente — não é condição suficiente para a materialização do direito a ler e escrever a palavra de jovens e adultos.

A compreensão sobre a função social da Formação pode ser buscada na razão de ser do Programa — a alfabetização de jovens e adultos. Mas, buscar a razão da Formação Inicial de alfabetizadores exige a procura de outros nexos, dentre eles a própria razão para a existência de Programas de Alfabetização, da EJA na forma como vem se concretizando ao longo da história.

Os jovens e adultos que participam do Programa Todos pela Alfabetização/Brasil Alfabetizado são homens e mulheres que, em acordo ao status decorrente de sua condição cidadã, são portadores de direitos, dentre eles, o acesso à educação. Contudo, para eles, esse não é um direito efetivado. A desigualdade social a que estão submetidos e a condição de pobreza os coloca em situações que impedem a efetivação do direito à educação. Os demais direitos – saúde, lazer, trabalho e outros – também não são efetivados.

No Brasil, a EJA ocupa a agenda nacional de educação, o que pode ser percebido por meio da inclusão do custo aluno no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), da implantação dos Programas de Alimentação, de Transporte Escolar e de Livros Didáticos, bem como pelos Editais para a Formação de Professores, dentre outras questões. Entretanto, em que pese esse esforço, sua oferta continua inadequada e o índice de analfabetismo permanece em um patamar inaceitável. Essa constatação,

[...] aponta para o fato de que políticas de governo implementadas a partir de objetivos e critérios discutíveis se consolidem como políticas de Estado. Estão, assim, longe de serem atingidos objetivos como a superação de *déficits* quantitativos e qualitativos da EJA nas redes públicas, bem como da necessária isonomia no que tange ao financiamento público das diversas modalidades e etapas da educação básica. (RUMMERT; VENTURA, 2007, p. 41-42).

Procurar pelo entendimento da natureza da Formação Inicial de alfabetizadores nos obriga a pensar sobre sua dimensão histórica e sobre seu papel social como afirmamos antes. As respostas que encontramos nos remetem para uma situação que acreditamos deva ser provisória para a humanidade – aquela da igualdade formal e da desigualdade real para milhões de seres humanos em todo o mundo. É preciso produzir a nossa existência de forma que todos possam ter acesso à educação. Isso exige um modo de trabalho que não é aquele decorrente da lógica do capital, mas aquele em que cada ser humano possa produzir conforme suas possibilidades e receber de acordo com as suas necessidades.

Esse movimento pela transformação tem feito com que a Formação Inicial de alfabetizadores se coloque não apenas como possibilidade de compreensão sobre a especificidade da alfabetização de jovens e adultos, mas também sobre os fins da

educação e sobre o contexto histórico-social. Assim, na tentativa de uma aproximação maior à realidade da Formação de Alfabetizadores do Programa Todos pela Alfabetização / Brasil Alfabetizado é que continuamos a reflexão sobre a modificação do que concebemos como o ideal em face das exigências do próprio real.

A atividade humana ocorre

[...] quando os atos dirigidos a um objeto para transformá-lo se iniciam com um resultado ideal, uma finalidade e terminam com um resultado ou produto efetivo real. Atos são articulados por algo que não têm ainda uma existência efetiva, a partir do futuro – essa atividade implica na intervenção da consciência, graças a qual o resultado existe duas vezes, e em tempos diferentes – como resultado ideal e como produto final. O resultado real orienta a organização dos diversos atos do processo, e por isso a atividade humana tem um caráter consciente. Mesmo que o real fique distante do ideal, se buscará adequar sempre o primeiro ao segundo. (VASQUEZ apud MALAGODI, 2009, p. 287).

A intenção de realizar uma atividade visando produzir certo resultado exige conhecimento do objeto, dos meios e instrumentos para transformá-lo e das condições que abrem ou encerram as possibilidades dessa realização. Nesse sentido, pensar sobre a Formação Inicial, considerando as necessidades de aprendizagem do alfabetizador como docente e do alfabetizador como aluno, nos remete para a especificidade do trabalho do alfabetizador e para o objeto de seu trabalho.

O alfabetizador é um trabalhador que tem como sujeito de sua atividade um jovem e um adulto que são trabalhadores. Essa identificação ocorre não apenas pela condição de serem trabalhadores, mas também porque o processo de como vão se formando como ser humano-social tem as mesmas raízes histórico-sociais (LOPES, 2010).

O trabalho educativo nos diz Saviani “é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.” (SAVIANI, 1991, p.21). Assim, o desenvolvimento do nível de consciência do aluno – alfabetizando – depende do nível de consciência do professor – alfabetizador – pois, como afirma Pinto (2005, p.85), “a ação do educador tem de consistir em encaminhar o educando adulto a criar por si mesmo sua consciência crítica, passando de cada grau ao seguinte, até equiparar-se à consciência do professor e eventualmente superá-la.” A educação

transforma de forma indireta e não imediata, agindo sobre os sujeitos da prática.

Assim, a

[...] efetivação de uma prática pedagógica que gere nos sujeitos, dela participantes, transformações que contribuirão para sua atuação como sujeitos transformadores da prática social global, não é um resultado que ocorre como decorrência espontânea da consecução da função precípua da prática pedagógica que é a transmissão do saber acumulado historicamente. (DUARTE, 2007, p. 3 - 4).

Representada, idealmente, a Formação Inicial de alfabetizadores, questionamo-nos sobre a materialização desse ideal – que modificação acontece quando consideramos que o resultado real supera, a todo tempo, o resultado ideal? A finalidade, isto é, o que foi definido como produto ideal, até que se concretize como atividade prática, vai se fazendo com muitas mudanças à medida que vão sendo feitos os ajustes e avaliações.

Nesse sentido, o ideal da Formação sofre uma infinidade de ajustes, quando consideramos as necessidades de aprendizagem, ao que é específico da docência e ao que é do lugar do desenvolvimento do alfabetizador como aluno. Somem-se a esse processo os questionamentos feitos, em relação ao formador – o profissional responsável pelo processo de Formação. As respostas que encontramos: todos são trabalhadores, a atividade educativa de ambos são da mesma natureza – o aluno é um trabalhador e o objeto de seu trabalho é a elevação do nível de consciência.

No entanto, ainda que se pretenda que todos possam apropriar-se de conhecimentos científicos, artísticos, ético-filosóficos e políticos, há diferenças entre a posição de formador, a de alfabetizador e a de alfabetizando. São indivíduos que têm oportunidades diferentes, constatando-se níveis diferenciados de alfabetismo.

Dos alfabetizadores seria esperado, em relação à leitura e a escrita, que todos tivessem alcançado o nível pleno, já referido anteriormente, mas não é o que percebemos ao acompanhar o nível de aprendizagem deles na Formação. Também em Matemática não se constata o alcance do nível pleno, aquele em que se “resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.” (INAF, 2009).

Quando falamos de alunos adultos, afirma Thompson (2002):

O que é diferente acerca do estudante adulto é a experiência que ele traz para a relação. A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e do currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo. (THOMPSON, 2002, p.13).

Espera-se que o alfabetizador trabalhe no intuito de o alfabetizando, ao aprender a ler e a escrever, reorganize seu modo de pensar, aprendendo a usar e a compreender “o valor de procedimentos teóricos que anteriormente pareciam irrelevantes.” (LURIA, 1990, p. 106-7). Essa situação também se faz presente em relação ao que se espera do Formador em função das necessidades de aprendizagem do alfabetizador.

Uma pessoa alfabetizada é aquela que pode realizar as tarefas para as quais “a alfabetização é requerida para o funcionamento efetivo de seu grupo e comunidade e também para habilitá-la a continuar usando a leitura, a escrita e cálculo para o seu próprio desenvolvimento e da comunidade.” (STROMQUIST apud NUNES; BRYANT, 2001, p. 19). Para compreender o significado da alfabetização, não se pode separar a leitura da palavra da leitura do mundo. “Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como ‘escrever’ o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com mundo.” (FREIRE; MACEDO, 2002, p. 31).

Na Formação Inicial, as questões aqui elencadas se juntam a muitas outras e, de certo, se tem o desafio de que os alfabetizadores avancem na compreensão da especificidade da EJA, especialmente, do processo de alfabetização, dos fins da educação e do contexto histórico-social, reafirmamos. Desafio de grande monta, se considerarmos que o primeiro contato com esse campo de conhecimento ocorre na Formação Inicial. Mas, por outro lado, o avanço que se consegue é referido pelos Formadores em relatórios, bem como na análise de atividades realizadas pelos alfabetizadores, antes e depois da Formação. O trabalho desenvolvido no campo da formação de leitores também o é. Podemos indicar o alcance de resultados importantes no que se refere ao avanço dos alfabetizadores em relação ao nível de letramento, na compreensão de que a educação cumpre o papel de manter as estruturas vigentes, mas também é espaço de transformação. Idealmente, buscamos

uma atividade crítico-prática, pois, como nos alerta Vázquez (2007, p. 143-144), apoiado em Marx:

O objeto é concebido como produto da atividade subjetiva, mas entendida não mais abstratamente, e sim como atividade real, objetiva material. [...] A verdadeira atividade é revolucionária, crítico-prática; isto é, transformadora e, portanto, revolucionária, mas crítica e prática ao mesmo tempo, ou seja, teórico - prática: teórica sem ser mera contemplação, já que é a teoria que guia a ação e prática, ou ação guiada pela teoria. A crítica a teoria, ou a verdade que contem - não existe a margem da práxis. (VÁZQUEZ, 2007, p.143-144).

A configuração na consciência do homem de uma realidade ainda não existente exige compreender a teoria como um momento da práxis, o que a distingue das atividades meramente repetitivas, cegas, mecânicas “abstratas,” reflete Konder (1992). Segundo ele, “a práxis é a atividade que, para se tornar mais humana, precisa ser realizada por um sujeito mais livre e mais consciente. Quer dizer: é a atividade que precisa de teoria.” (KONDER, 1992, p. 116).

Assim, a representação idealizada para a Formação Inicial corresponde a uma prática em processo de desenvolvimento, pois, frente às necessidades que se colocam a cada momento da formação, o referencial teórico vai sendo apropriado pelos indivíduos envolvidos no processo de acordo com suas possibilidades. As condições objetivas vão determinando em que medida o ideal se efetiva, pois “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas, transmitidas pelo passado.” (MARX, 1986, p. 17).

Os questionamentos que fizemos até aqui têm nos permitido avançar no entendimento de que:

A teoria deve ter como finalidade a prática [...] trata-se de uma teoria que corresponde não apenas a uma atividade prática que já se dá efetivamente, mas também que corresponde a uma prática que ainda não existe (ou existe em forma embrionária) adiantando-se a ela e assim, influenciando-a. Pois podemos sentir a necessidade de novas atividades práticas transformadoras para as quais carecemos do necessário instrumental teórico - é quando a teoria não pode se nutrir nelas. Quando a teoria é determinada por uma prática ainda inexistente trata-se de uma determinação através da finalidade; uma antecipação ideal da prática que queremos que exista. (MALAGODI, 2009, p.295).

Então, em meio ao processo de busca por transformar essas realidades, é que concluímos essa reflexão, à medida que, para nós, também é o momento de

apropriação do novo que ainda não se configurou, mas que se coloca preche de possibilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão, acerca da Formação Inicial de alfabetizadores do Programa Todos pela Alfabetização / Brasil Alfabetizado, se fez em torno de sua proposta em termos ideais e do que vem se efetivando de fato. Buscamos apreender essa realidade em aspectos que lhe são essenciais e das relações entre eles, ainda que sabedores de que enxergar a totalidade não significa compreender todas as suas partes. Para tanto, tivemos como norte a dimensão da história – onde, quando, como e o porquê da Formação – e a sua função social.

Nesse exercício, se fez necessário investigar sobre Programas de Alfabetização e sua relação com a EJA, sobre os alfabetizandos e os alfabetizadores, quando se constatou que, em princípio, a não efetivação do direito à educação para os mais de 700 milhões jovens e adultos trabalhadores em todo o mundo é o motivo da existência desses Programas.

Essas pessoas são portadoras de uma igualdade formal – aquela decorrente da cidadania – mas, em realidade, estão submetidos à desigualdade social e à pobreza, o que nos remete para a hipótese de que a causa do analfabetismo é a forma pela qual os homens produzem sua existência. Assim, não cabe à educação ou à política pública a resolução dessa problemática, mas a transformação da forma de viver regida pela exploração – aquela da lógica do capital.

Alfabetizandos e alfabetizadores são trabalhadores, que se diferenciam em relação às oportunidades de acesso ao patrimônio cultural construído pela humanidade, mas que, em relação ao nível de alfabetismo, estão em níveis de muita proximidade. Em relação à sociabilidade, todos são submetidos à precarização e ao desemprego estrutural, característicos desse tempo de agora – o século XXI, conforme afirmamos antes.

Nesse cenário, é que se insere o Programa Todos pela Alfabetização / Brasil Alfabetizado que, intencionando alfabetizar os jovens e adultos, tem como uma de

suas metas prioritárias a Formação Inicial daqueles que atuam como alfabetizadores. O despreparo deles no que se refere à tarefa sob sua responsabilidade – alfabetizar jovens e adultos – é apontado por pesquisadores como uma das causas para a baixa efetividade do Programa. A Formação Inicial é, pois, condição imperiosa para que os alfabetizadores possam desenvolver capacidades necessárias à alfabetização de jovens e adultos. Visando o alcance desse objetivo é que se concebeu o que deveria vir a ser a Formação Inicial de alfabetizadores.

Todavia a realidade se impõe e, diante das necessidades de aprendizagem do alfabetizador como aluno e como docente, a formação concebida como ideal vai se modificando, configurando-se à realidade.

Como já o dissemos, a teoria deve ter como finalidade a prática, adiantando-se a ela e assim, influenciando-a. E, nesse movimento, a efetivação da prática idealizada para a Formação Inicial, bem como aquela concebida para a prática alfabetizadora vem se fazendo e, diante das necessidades de práticas transformadoras, se faz necessária a apropriação de um novo referencial teórico. O processo de Formação Inicial de alfabetizadores do Programa Todos pela Alfabetização se insere nesse processo – entre uma representação ideal e aquela possível de ser realizada, frente às condições objetivas a que estamos todos submetidos.

## THE FORMATION OF INITIAL LITERACY EDUCATORS: *between the ideal and the real existence*

**Abstract:** This article describes the development of literacy educators. The written addresses the reflection about the idealized practice and the one that is effective. From the standpoint of theory and method is accepted in Saviani (1991), Duarte (2007), Vázquez, (2007) Kosik (1976), Konder (1992), Thompson (2002), Rummert (2007), Tonet (2005). We conclude that the practice conceived ideally is modified as reality asserts itself.

**Keywords:** Initial Teacher Education; Youth and Adult Alphabetization; Social Programs.

**REFERÊNCIAS**

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de alfabetismo funcional: principais resultados – 2009**. Disponível em: [http://www.ipm.org.br/download/inaf\\_brasil2009\\_relatorio\\_divulgacao\\_final.pdf](http://www.ipm.org.br/download/inaf_brasil2009_relatorio_divulgacao_final.pdf). Acesso em 25 de junho de 2011.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BAHIA. Quando todo mundo TOPA a mudança começa a acontecer. Disponível em: [www.sec.ba.gov.br/topa/topa.html](http://www.sec.ba.gov.br/topa/topa.html). Acesso em: 04 de nov. 2012.

BRASIL. **Brasil Alfabetizado – Portal Brasil**. Disponível em: [www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br). Acesso em: 04 de nov.2012.

DUARTE, Newton. **Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vigotsky**. Campinas: Autores Associados, 2007.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KLEIMAN, Ângela Bustus; SGNORINI, Inês. **O ensino e a formação do professor de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KONDER, Leandro. **A dialética e o Marxismo**. 2003. Disponível em [www.uff.br/trabalhonecessario/TN01%20KONDER.pdf](http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN01%20KONDER.pdf). Acesso em: 04 de mai.2011.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1976.

LOPES, Maria Gorete Rodrigues de Amorim. **A Especificidade do Trabalho do Professor de Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: [www.anped.org.br/.../29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2033--Int.pdf](http://www.anped.org.br/.../29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2033--Int.pdf) - Acesso em: 02 mar.2010.

LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Ícone, 1990.

MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas à Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MALAGODI, Marcos Antônio Sampaio. **Entre as palavras e a intervenção social: análise de uma trajetória em uma ação de educação ambiental interpretada a partir da filosofia da práxis**, 2009. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/.../tde.../Malagodi\\_DO.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/.../tde.../Malagodi_DO.pdf) . Acesso em 04 de maio de 2011.

NUNES, Terezinha; BRYANT, Peter. **Crianças Fazendo Matemática**. Artes Médicas, Porto Alegre, 1997.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Relatório de Monitoramento Global de EPT**. Relatório Conciso – 2011. A crise Oculta: conflitos armados e a educação. França: UNESCO, 2011. Disponível em <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/ED/pdf/gmr2011-summary-pt.pdf> Acesso em 04 de julho de 2011.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2005.

RUMMERT, Sônia Maria.; VENTURA, Jaqueline Pereira. . Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re)construção da subalternidade – considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola. **Educar em Revista**. Sociedade Brasileira de Zootecnia n. 29, 2007, p. 29-45. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=155013355004>. Acesso em 15 de junho de 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. **PPAlfa – Plano Plurianual de Alfabetização**. Salvador: SEC- BA, 2007. (Mimeo)

TONET, Ivo. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Educação**. Disponível em: <[www.geocities.com/ivotonet](http://www.geocities.com/ivotonet) ->. Acesso em: 11 jan. 2009.

UNESCO. **Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos Brasil 2008 Educação para Todos em 2015; Alcançaremos a meta?** Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.brasilia.unesco.org/areas/educacao/institucional/EFA/relatoriosEFA>. Acesso em: 14 fev. 2009.

THOMPSON, Edward P. Educação e experiência. In: THOMPSON, Edward P. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 11-47.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.